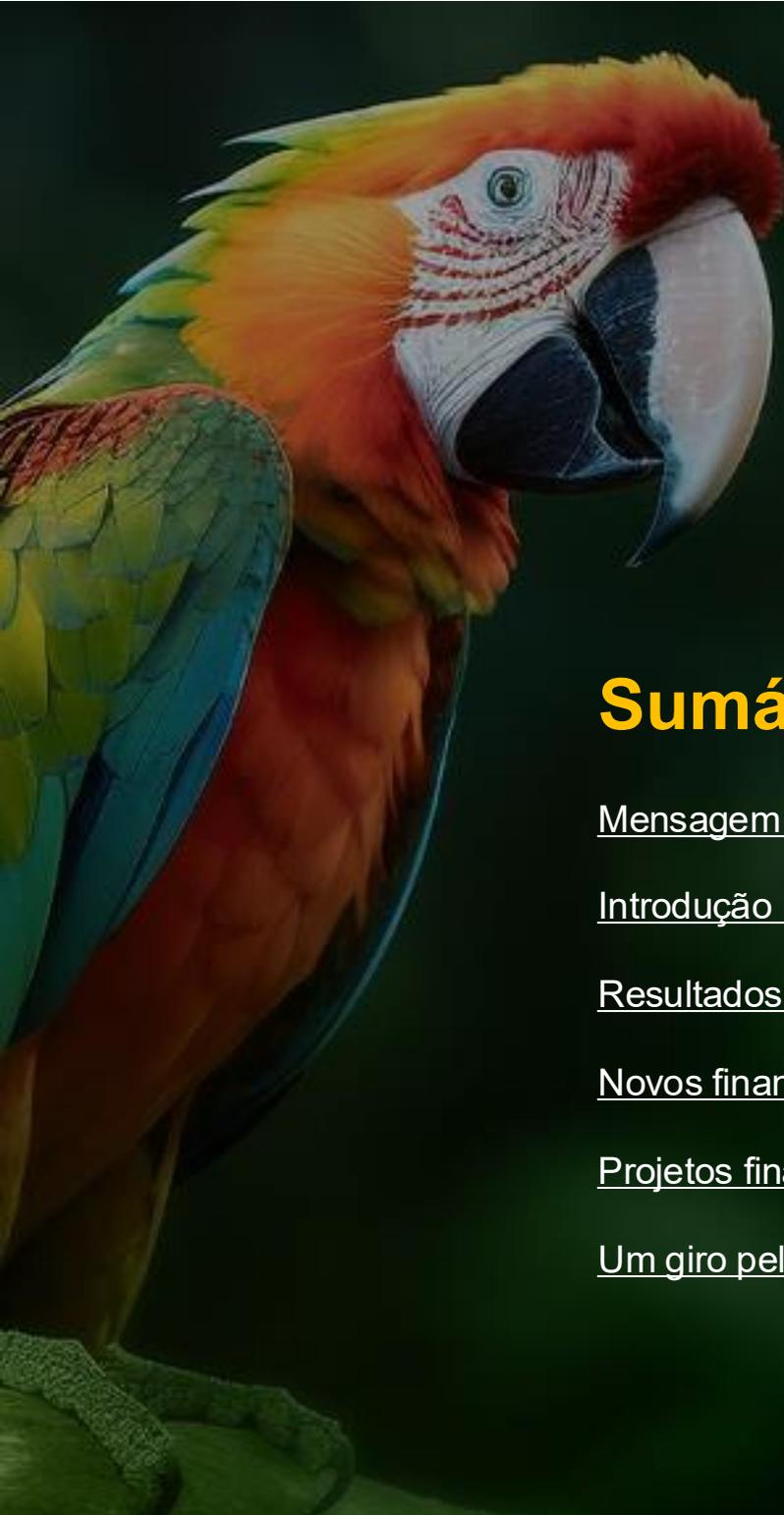


Fundo Multibiomas

famaGAIA

S O C I O B I O E C O N O M I A

Relatório de Gestão 1T25



Sumário

<u>Mensagem do CIO</u>	03
<u>Introdução</u>	06
<u>Resultados</u>	07
<u>Novos financiamentos</u>	09
<u>Projetos financiados</u>	12
<u>Um giro pelo trimestre</u>	15

Mensagem do CIO

Mais de três décadas após o primeiro alerta do IPCC, com um volume crescente de evidências empíricas sobre os impactos econômicos das mudanças no clima, e a maioria dos modelos financeiros continua tratando o tema como colateral. As implicações são conhecidas: alocação inadequada de capital, perpetuação de riscos sistêmicos e uma miopia que fragiliza a resiliência das economias.

A literatura sobre finanças comportamentais nos ensinou que os agentes econômicos estão longe de ser plenamente racionais. Suas decisões são moldadas por atalhos mentais, por narrativas convenientes e por incentivos de curto prazo. No caso da questão climática, essa racionalidade limitada se manifesta de forma estrutural. Não se trata de uma falha de compreensão técnica. Trata-se de uma disfunção coletiva que envolve gestores e analistas, todos operando dentro de um arcabouço cognitivo que privilegia a estabilidade aparente do presente em detrimento da volatilidade certa do futuro.

O desconforto com a crise climática vem, em parte, da dificuldade de assimilá-la aos instrumentos convencionais de tomada de decisão. Ela não se comporta como um risco tradicional — com distribuição de probabilidades conhecida e impactos localizados. Pelo contrário, é um fenômeno difuso, sujeito a pontos de inflexão e retroalimentações, e que tende a ter impactos mais frequentes e intensos. Ainda assim, os modelos de *valuation* continuam operando como se o futuro fosse apenas uma extensão linear do passado. Empresas são avaliadas com base em fluxos de caixa projetados sob premissas que desconsideram escassez hídrica, eventos climáticos extremos, perda de biodiversidade e transformações regulatórias profundas para precificar externalidades ambientais.

Essa dissociação entre o que sabemos e a forma como decidimos se manifesta cotidianamente nas decisões de alocação de capital. Projetos de infraestrutura carbono-intensivos ainda recebem financiamento preferencial. Cadeias produtivas vulneráveis a choques ambientais são tratadas como sólidas. Ativos expostos a riscos climáticos físicos ou reputacionais continuam sendo negociados como se fossem perenes. Tudo isso porque o sistema é construído para não ver — ou para ver apenas o que pode ser medido em prazos curtos e com alto grau de confiança estatística.

O problema é que a confiança estatística, nesse caso, é uma ilusão. A crise climática é marcada pela incerteza profunda, não pela volatilidade conhecida. Trata-se de um tipo de risco que não se adapta bem a modelos de precificação baseados em médias históricas. Exige outra postura: uma disposição a agir com base em cenários plausíveis, mesmo quando as probabilidades são difíceis de estimar. Isso implica abrir mão da segurança do modelo fechado em favor da prudência frente ao desconhecido. Implica aceitar que os mecanismos tradicionais de precificação — ancorados em retorno ajustado ao risco — podem estar mal calibrados.

Por que, então, essa mudança não ocorre com a velocidade necessária? A resposta, em parte, está nos incentivos econômicos e institucionais. Estruturas de bônus, mandatos de gestão e métricas de performance são desenhadas para recompensar o desempenho de curto prazo. Nesse ambiente, a internalização de riscos de longo prazo — especialmente aqueles que exigem questionar a viabilidade de setores inteiros — representa um custo político e profissional que poucos estão dispostos a assumir. O comportamento coletivo dos investidores reflete, portanto, uma racionalidade estratégica: mesmo que o risco climático seja real e crescente, é mais seguro para eles seguir os parâmetros vigentes do que agir de forma pioneira e isolada.

Essa lógica se reforça com a retórica dominante do “mercado eficiente”. Ainda hoje, há quem acredite que os preços dos ativos incorporam todas as informações disponíveis, e que eventuais distorções serão corrigidas automaticamente à medida que o risco se materializa. Mas essa visão ignora que, no caso do clima, a correção pode vir tarde demais e com custos irreversíveis. A crença na eficiência do mercado funciona aqui como um escudo ideológico para a inação.

Nos últimos anos, o pouco do debate climático no setor financeiro concentrou-se na mitigação — na tentativa de reduzir emissões e neutralizar impactos. É compreensível: mitigar ainda remete à ideia de controle, de reversibilidade. Mas já não há mais dúvida de que a mudança climática é uma realidade em curso, não uma hipótese futura.

Diante disso, a agenda de adaptação precisa deixar de ser um tema marginal para se tornar central. Adaptar-se significa reconfigurar infraestrutura, reavaliar modelos agrícolas, ajustar cadeias produtivas e rever padrões de ocupação urbana. Significa, também, aceitar que parte das transformações em curso são irreversíveis — e que investir sem levar isso em conta não é apenas ineficaz, é irresponsável.

A adaptação exige investimentos em resiliência — e resiliência não se mede apenas em retorno financeiro, mas em capacidade de sustentar sistemas socioeconômicos sob pressão. Isso implica uma revisão profunda dos próprios modelos financeiros e econômicos. Os instrumentos que usamos para precificar ativos, estimar riscos e definir prioridades foram construídos em um mundo mais estável, previsível, que já não existe. Continuar a utilizá-los sem questionamento não é conservadorismo, é negligência.

A crise climática não será enfrentada com as ferramentas que ajudaram a criá-la. Se queremos, de fato, uma transição justa e eficaz, precisamos repensar os fundamentos da decisão econômica. Incorporar a adaptação tem que ser visto como uma lente estratégica. E é preciso aceitar que, diante da certeza da mudança climática, não é mais o planeta que precisa se adaptar aos modelos — são os modelos que precisam, com urgência, se adaptar ao planeta.



Fabio Alperowitch

CIO da fama re.capital

Introdução

No primeiro trimestre deste ano, realizamos dois novos financiamentos, elevando nosso portfólio para um total de **nove projetos investidos**. Esses novos investimentos incluem cooperativas e agricultores familiares que atuam na Amazônia com produção de cacau e abacaxi, ambas localizadas no Pará.

Apesar de um cenário político global desafiador, e taxas de juros no Brasil atingindo patamares recordes, **seguimos firmes no propósito de oferecer crédito justo para aqueles que protegem os biomas do Brasil**. Mantivemos esse compromisso ao longo do primeiro trimestre de 2025.

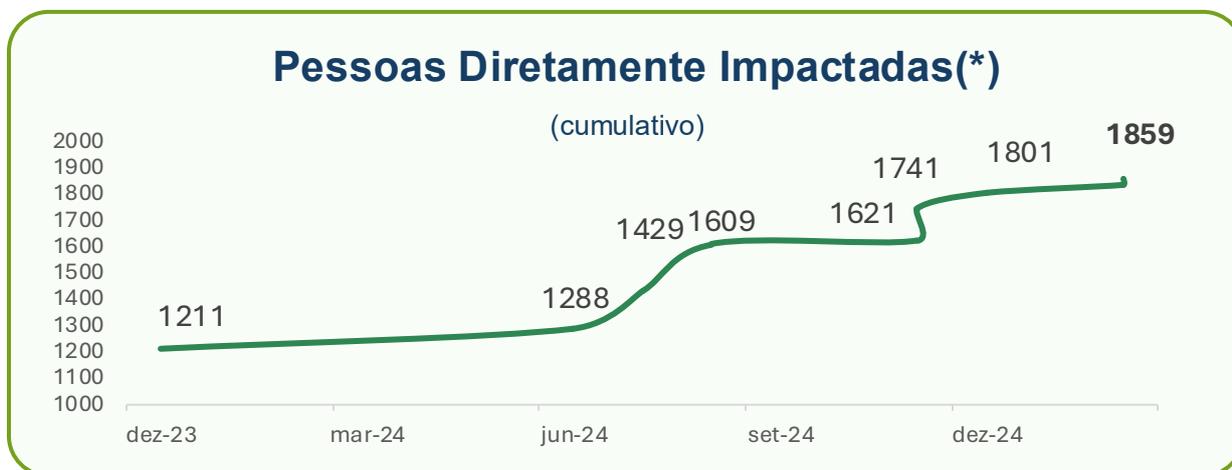
O contexto atual exige inovação e resiliência, ao mesmo tempo em que expõe as limitações dos modelos tradicionais em promover mitigação, adaptação e transição climáticas que sejam tempestivas e socialmente justas. Nosso modelo de financiamento tem se destacado como uma proposta de valor única diante desse cenário.

Focados em nossa **Teoria de Mudança**, continuamos a expandir nossas operações por meio de parcerias estratégicas, fortalecendo significativamente nosso pipeline de projetos – fruto do trabalho contínuo em estreitar relações com instituições que atuam na ponta e em contato direto com projetos socioambientais. Encerramos o trimestre com 14 projetos ativos no pipeline (em comparação a 10 no 4T24), com pedidos de crédito que, somados, equivalem ao valor total já financiado pelo fundo desde seu lançamento.

A seguir, apresentamos nossos **resultados por meio dos principais indicadores de impacto e desempenho financeiro**. Também exploramos os novos **financiamentos realizados** e analisamos os **acontecimentos mais relevantes da sociobioeconomia no trimestre**.

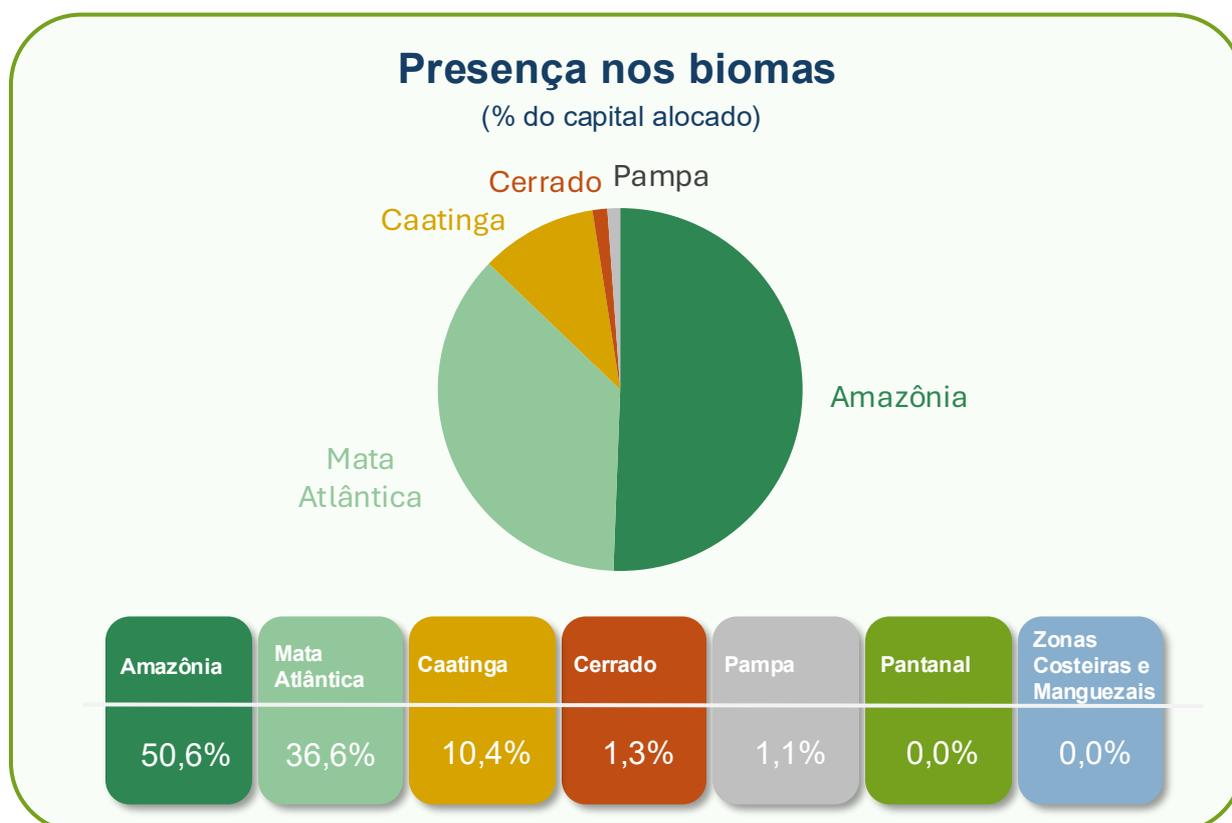
Resultados

Fechamos o trimestre com projetos no portfólio que **impactam diretamente mais de 1859 pessoas**,

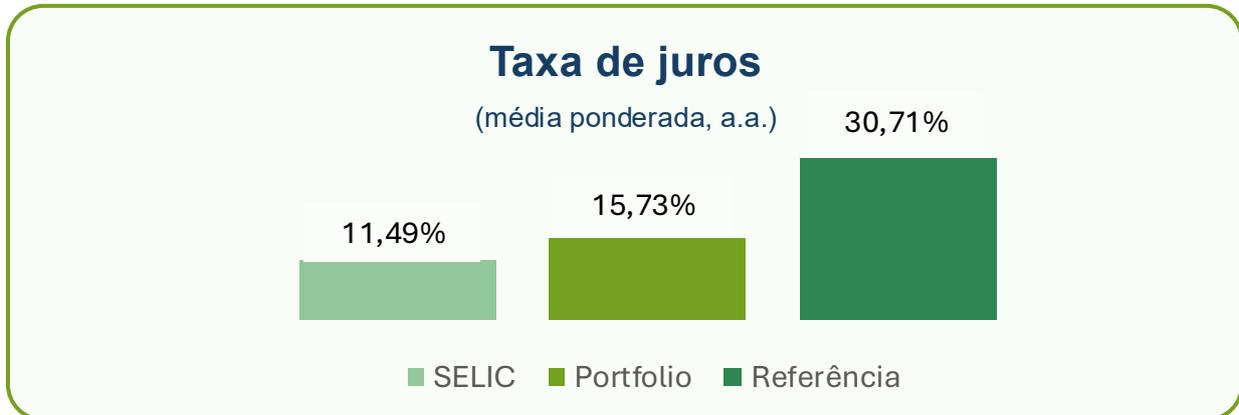


*dados atualizados de acordo com as informações mais recentes enviadas pelos projetos financiados

e com presença em cinco biomas brasileiros: Amazônia (50,59%), Mata Atlântica (36,61%), Caatinga (10,36%), Cerrado (1,31%) e Pampa (1,13%). Por meio de parcerias estratégicas, também estamos avaliando projetos no Pantanal, nas zonas costeiras e em áreas de manguezais.



Com os nove investimentos atuais, a **diferença entre a taxa de juros média aplicada aos nossos tomadores de crédito e as taxas praticadas pelo mercado para créditos de mesma natureza é de 15p.p.**, conforme dados do Banco Central.



Seguimos oferecendo **retornos financeiros positivos** enquanto promovemos mudanças positivas nas comunidades e no meio ambiente. No primeiro trimestre de 2025, o nosso retorno foi de 2,94%, abaixo do CDI em 0,19 p.p.; nos últimos 12 meses, retornamos 11,70%, um desempenho 0,44 p.p. acima do benchmark.

	1T25	2025	12M
FIDC	2,94%	2,94%	11,70%
Benchmark (CDI)	2,98%	2,98%	11,26%
Retorno x Benchmark (p.p. a.a.)	CDI - 0,19%	CDI - 0,19%	CDI + 0,44%

Novos financiamentos

Cacauway: Produção Agroecológica na Cadeia do Cacau

A Cooperativa Agroindustrial da Transamazônica (COOPATRANS), conhecida pela marca Cacauway, **foi fundada há 14 anos em Medicilândia, no Pará**, região central do maior produtor de cacau do Brasil. Seu propósito é verticalizar a cadeia do chocolate na Amazônia, promovendo a inclusão social e o fortalecimento da agricultura familiar. Embora 70% dos 36 cooperados sejam homens, a cooperativa **se destaca pela forte presença feminina na liderança com 11 mulheres ocupando posições estratégicas**, em comparação a 5 homens.

A produção de cacau é feita por meio de Sistemas Agroflorestais (SAFs), que promovem práticas sustentáveis de uso do solo. Além do cacau, a cooperativa utiliza insumos como cupuaçu, castanha e babaçu, adquiridos de parceiros locais – incluindo comunidades ribeirinhas, indígenas e agricultores extrativistas. Esse modelo fortalece os vínculos com comunidades tradicionais e amplia o impacto social do projeto.

A cooperativa possui uma estrutura sólida com **fábrica própria para produção de chocolate e seis lojas distribuídas em municípios do Pará, Rondônia e Ceará, operando em formato semelhante a franquias**. A linha de produtos Cacauway inclui barras de chocolate, trufas, cacau em pó, nibs e amêndoas crocantes. Além disso, a Cacauway desenvolve linhas de chocolate em parceria com comunidades indígenas, compartilhando 50% dos lucros provenientes dessas vendas. Uma dessas linhas, intitulada **"Elas"**, **valoriza especificamente o protagonismo feminino** na atividade rural, promovendo a inclusão econômica e cultural.



Fábrica de Chocolate da Cacauway

O investimento aprovado foi de R\$ 200.000 via CPR-F e o recurso será utilizado como capital de giro para compra de amêndoas junto aos cooperados. A garantia da operação é baseada no estoque da cooperativa.

No âmbito social, o financiamento fortalece a remuneração dos cooperados ao absorver uma maior parte da produção, reduzindo a dependência de grandes compradores e atravessadores. A valorização das mulheres na liderança e as parcerias com comunidades indígenas promovem um impacto significativo na inclusão econômica local.



Cooperados Cacaaway

No aspecto ambiental, a produção por meio de SAFs **contribui para a conservação da biodiversidade e a manutenção dos ecossistemas amazônicos**. A fábrica opera com energia solar, e os resíduos da produção, como as cascas das amêndoas, são reaproveitados para adubação, reforçando o compromisso com a economia circular.

Cooasafrá: Fortalecendo a Agricultura Familiar na Cadeia do Abacaxi

Fundada em 2010 por **agricultores assentados da reforma agrária na região de Floresta do Araguaia, município do estado do Pará**, a Cooasafrá atua principalmente na produção de abacaxi (290 ha), além de manga (9 ha) e acerola (5 ha). **Desde a inauguração de sua agroindústria em 2020, a cooperativa vem ampliando o valor agregado dos produtos ao processar frutas que antes eram comercializadas in natura**. Esse avanço permitiu o aproveitamento de frutas fora do padrão comercial, gerando menos desperdício e mais valor econômico para os cooperados.

A produção atual é destinada a redes varejistas do Sul, Sudeste e Nordeste, além de contratos com programas governamentais. Com um modelo de negócio focado na agregação de valor e na comercialização direta, a Coosafra tem conseguido melhorar a renda dos cooperados, evitando a dependência de intermediários.



Cooperados Coosafra

O investimento aprovado foi de R\$ 500.000 via CPR-F e será destinado para capital de giro, antecipando pagamentos aos cooperados e cobrindo despesas operacionais da safra. A garantia é baseada no estoque de abacaxis da cooperativa.

O impacto social é relevante, com geração de renda para 22 cooperados (6 mulheres e 16 homens) e 15 funcionários (12 mulheres e 3 homens). A Coosafra promove ações comunitárias, como cursos voltados para mulheres e atividades esportivas para jovens, **fortalecendo a integração social e incentivando o desenvolvimento comunitário.**



Safra de Abacaxi

No aspecto ambiental, a cooperativa adota **práticas de cultivo livres de agrotóxicos e preserva áreas de reserva legal, combatendo a expansão desordenada de monoculturas.** Além disso, os resíduos agrícolas são aproveitados como ração animal, reforçando a sustentabilidade do processo produtivo e promovendo a agricultura familiar.

Projetos Financiados

Projeto	Bioma	Descrição	Financiamento
 <p>COOASAFRA</p> <p>Agricultura familiar na Amazônia</p>	Amazônia	Cooperativa da agricultura familiar em Floresta do Araguaia (PA), de abacaxi, manga e acerola. Atua com práticas agroecológicas e inclusão de mulheres, promovendo o desenvolvimento comunitário.	Capital de giro via CPR-F para antecipar pagamentos da safra e cobrir despesas operacionais. Operação garantida por estoque de abacaxis.
 <p>CACAUWAY O chocolate da Amazônia</p> <p>Cacau agroecológico</p>	Amazônia	Cooperativa de produção de cacau localizada em Medicilândia (PA), com forte atuação feminina e produção em SAFs. Trabalha com insumos da sociobiodiversidade, como castanha e cupuaçu, e mantém parceria com indígenas.	Crédito via CPR-F para compra de amêndoas dos cooperados, com garantia em estoque. Reduz dependência de atravessadores e fortalece a cadeia do cacau na Amazônia.
 <p>comaru</p> <p>Extrativismo de Castanha-do-Brasil</p>	Amazônia	Cooperativa que atua na extração sustentável e processamento da castanha-do-brasil (AP). Também produz óleo, farinha e resinas orgânicas, preservando a biodiversidade local em uma área de 800.000 hectares.	Aporte para aumentar a capacidade de compra da produção de castanha, oferecendo preços superiores aos de intermediários e com reaproveitamento de resíduos.
 <p>matrunita DA AMAZÔNIA APICULTURA</p> <p>Apicultura familiar</p>	Caatinga	Empresa apoia mais de 1.800 apicultores no Nordeste brasileiro. Responsável pela logística, certificação e exportação de mel orgânico para mercados europeus.	Capital de giro para aquisição de mel dos apicultores, eliminando a dependência de intermediários. Promove práticas sustentáveis e preservação da biodiversidade local.

Projetos Financiados

Projeto	Bioma	Descrição	Financiamento
<p>Fernandes Óleos Essenciais</p> <p>Cultivo do óleo essencial Poejo</p>	Mata Atlântica	Empresa familiar, pioneira no cultivo orgânico de poejo (RS). Responsável por todo o ciclo de produção, desde mudas até óleos essenciais, atendendo exclusivamente à Natura.	Destinado à ampliação da fábrica, permitindo aumentar a capacidade produtiva para atender à crescente demanda. Também promove a inclusão de 15 famílias na cadeia de valor.
 <p>Agricultura familiar na Amazônia</p>	Amazônia	Cooperativa de derivados de mandioca e frutas em Santarém (PA). Atua na compra e processamento dos produtos e participa ativamente de programas governamentais.	Fortalece a compra de produtos pela cooperativa, promovendo incentivos diretos para que os cooperados sigam com as práticas regenerativas da agricultura familiar.
 <p>Extrativismo de Açaí na Amazônia</p>	Amazônia	Cooperativa de açaí na região do Bailinque (PA). Oferece assistência técnica para os cooperados e possui uma agroindústria para a liofilização do açaí.	Amplia o poder de compra da cooperativa, garantindo aos cooperados preços de compra justos e acima do que é oferecido pelo mercado.
 <p>Cultivo de Cacau Cabruca na Bahia e no Pará</p>	Amazônia, Mata Atlântica	Associação comunitária que financia diretamente produtores de cacau na Bahia e no Pará e realiza acompanhamento técnico rural para a gestão ambientalmente responsável.	Geração de renda para produtores do Cacau, restaurando os biomas e gerando valor econômico com espécie resistente à vassoura-de-bruxa (nome popular da doença <i>Minioliptora perniciososa</i>).

Projetos Financiados

Projeto	Bioma	Descrição	Financiamento
 <p>Agrofloresta Multibiomas</p>	<p>Amazônia, Mata Atlântica, Caatinga, Pampa, Cerrado</p>	<p>ONG que financia a regeneração dos biomas por meio da implantação de Sistemas Agroflorestais (SAF) de cacau em diversos estados (principalmente no PA, RO e BA).</p>	<p>Empoderamento econômico de produtores agrícolas, por meio de financiamento direto dos atores na ponta.</p>

Um giro pelo trimestre

No primeiro trimestre de 2025, a sociobioeconomia continuou sendo um tema altamente discutido no cenário político nacional e internacional.

No Brasil, a **Comissão Nacional de Bioeconomia (CNBio) realizou sua reunião inaugural em fevereiro**, avançando na construção do Plano Nacional de Desenvolvimento da Bioeconomia (PNDBio). A CNBio, presidida pelos ministérios do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA), do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) e da Fazenda, reúne 34 cadeiras distribuídas entre governo federal e da sociedade civil.

Seu decreto define bioeconomia como um modelo de desenvolvimento produtivo e econômico baseado na justiça, ética e inclusão, capaz de gerar produtos, processos e serviços, de forma eficiente, com base no uso sustentável, na regeneração e na conservação da biodiversidade, tendo como norte os conhecimentos científicos e tradicionais e suas inovações e tecnologias.

“A bioeconomia representa a próxima fronteira para um novo ciclo de prosperidade. Além de focar no uso sustentável dos recursos biológicos do país, com soluções de biotecnologia como biofármacos e bioinsumos, o setor econômico florestal tem um potencial imenso. O Brasil se comprometeu globalmente a restaurar 12 milhões de hectares de áreas degradadas, isso significa ativar uma enorme cadeia de valor e empregos verdes”

Secretária nacional de Bioeconomia do MMA, Carina Pimenta

O plano, previsto para ser lançado em outubro de 2025, visa **consolidar a bioeconomia como vetor estratégico de desenvolvimento** sustentável no país.

Paralelamente, a pauta também estava presente nas 25 iniciativas trazidas pelo ministro da fazenda, Fernando Haddad, e consideradas pelo governo prioritárias para a economia brasileira nos próximos anos, especificamente dentro da agenda “Novo Brasil: plano de transformação ecológica”.

Internacionalmente, seguida da aprovação dos princípios de alto nível sobre bioeconomia no 2º semestre do ano passado pelo G20, **a União Europeia lançou uma consulta pública para elaborar sua nova Estratégia de Bioeconomia no bloco, prevista para adoção até o final do ano.**

Esses movimentos institucionais refletem uma mudança em curso – ainda que lenta – na forma **como o valor da biodiversidade e das economias locais é percebido por tomadores de decisão.** Enquanto isso, os empreendedores da sociobioeconomia seguem atuando nas pontas, lidando com os efeitos concretos da crise climática e com a **persistente escassez de financiamento adequado.**

Num contexto de juros elevados e incertezas macroeconômicas, fortalecer esse **ecossistema com crédito justo se torna ainda mais importante.** A conjuntura atual asfixia a economia e limita a capacidade empreendedora dos atores do campo que precisam de recursos financeiros para aumentar a resiliência das cadeias produtivas da sociobioeconomia diante de tantas ameaças como o avanço do crime organizado, da expansão das áreas produtivas de monoculturas e de gado, da mineração e do desmatamento.

Não é mais o planeta que precisa se adaptar aos modelos financeiros. **São os modelos que precisam, com urgência, se adaptar ao planeta – e às pessoas que o protegem.** No FamaGaia seguimos firmes com a proposta de valor do fundo de oferecer crédito a valores justos para quem está nos biomas protegendo os ecossistemas.

Fundo Multibiomas

famaGAIA

S O C I O B I O E C O N O M I A



fama
re.capital



GRUPO
GAIA

As informações contidas neste material são de carácter exclusivamente informativo. É fundamental a leitura do regulamento dos fundos antes de qualquer decisão de investimento. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Nenhum fundo conta com garantia da instituição administradora, da gestora ou do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. Para obtenção do Regulamento, Histórico de Performance, Prospecto, além de eventuais informações adicionais, favor entrar em contato com a fama re.capital ou com a Administradora do fundo. Para avaliação de performance dos fundos de investimento, é recomendável uma análise de período de, no mínimo, 12 meses.